

Fernando Pessoa: *personas*

José Osmar de Melo*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de ficcionalização do eu, a partir de alguns poemas do livro *Ficções do Interlúdio*, de Fernando Pessoa, em cujas páginas podemos perceber o desfile das múltiplas máscaras do poeta lusitano.

Palavras-chave: Heterônimos; Máscaras; Eu-fictício; *Ficções do Interlúdio*; Fernando Pessoa.

O que é que me tortura? Se até a tua face calma
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos...
Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua própria alma...
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos...
(Fernando Pessoa)

Chove ouro baço, mas não no lá-fora...É em mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...
(Fernando Pessoa)

O homem moderno – e Fernando Pessoa tem consciência disso – é um ser fragmentado, ameaçado e dominado por forças que ele mesmo criou ou desencadeou. Solitário, enfrentando um mundo que há muito deixou de ser “explicado” para tornar-se cada vez mais

* Professor de Literaturas Portuguesa e Brasileira e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Minas Gerais, *campus* de Lavras. Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

problemático, esse homem experimenta a falência de todos os valores. A realidade, esvaziada de sentido, dá a nosso século uma percepção fundamentalmente trágica do universo, em que a ordem é deslocada a favor do caos. E nesse contexto de tragicidade cósmica, a personalidade humana não é mais do que um átomo dilacerado pela violência de forças opostas que sobre ele incidem.

A poesia de Fernando Pessoa parece refletir esse momento de crise do homem moderno ao reconhecer que a existência, no seu fluir constante, precisa fixar-se para não se dissolver no caos. Mas a forma adotada corre o risco de congelar-se, transformando-se em máscara que sufoca a vida no seu movimento:

De que te serve o quadro sucessivo de imagens externas
 A que chamamos o mundo?
 A cinematografia das horas representadas
 Por atores de convenções e poses determinadas,
 O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?
 De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...
 Talvez, acabando, começas...
 E, de qualquer forma, se te cansa seres,
 Ah, cansa-te nobremente,
 E não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!
 Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém!
 (PESSOA, 1987, p. 291-292)¹

Nesse universo convencional, ao qual o senso comum se assujeita passivamente, o poeta é aquele que assume voluntariamente a máscara, símbolo da duplicidade do ser humano, como a melhor maneira de desvendar as aparências e revelar a vacuidade do eu:

¹ Todas as citações de Fernando Pessoa se referem à edição brasileira de sua *Obra poética*, pela Editora Nova Aguilar, 1987, e serão indicadas a partir de agora apenas pelo número da página.

Não sei quem sou, que alma tenho.
Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.
Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).
.....
(...) eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada (?), por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço. (p. 81)

Ao que parece, a concepção da personalidade como algo inconsútil, monolítico e fechado, corolário das maquinações diabólicas da razão ocidental, é uma dessas ficções que Pessoa desconstrói, mediante a criação de seus heterônimos. Por isso mesmo, pode-se inserir sua poesia numa tendência comum à melhor literatura moderna: a fuga à personalidade e a fragmentação do eu como caminho para a desconstrução do conceito de identidade: “Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas” (p. 81).

A heteronímia representa assim, entre outras coisas, a ruptura com os limites da razão e a fuga à individuação. O eu é sentido como um obstáculo que é preciso destruir para que prevaleça, em vez do autor, os jogos de linguagem, a fictividade da escrita e a explosão das máscaras. Por isso, Pessoa, ao sacrificar a própria identidade, desdobrando-se em vários disfarces no ato da escrita, expressa, em cada um, tendências divergentes ou complementares, num diálogo esclarecedor da própria consciência humana, pois, se os heterônimos nascem de uma atitude lúdica, esse jogo esconde todo um mundo de significações. Acerca de *Ficções do Interlúdio*, título dado pelo próprio poeta, Otávio Paz (1982) diz o seguinte:

Pessoa, seu primeiro leitor, não duvidou de sua realidade. Reis e Campos disseram o que talvez ele nunca diria. Ao contradizê-lo, expressaram-no; ao expressarem-no, obrigaram-no a inventar-se. Escrevemos para ser aquilo que somos, ou para ser aquilo que não somos. Em um ou em outro caso, nos buscamos a nós mesmos. (p. 208)

Para Pessoa, fingir é conhecer-se. Por isso, o poeta não leva a sério a sinceridade no ato de criar. Em sua perspectiva, não se pode sentir as coisas senão literariamente. A tal ponto esse fingimento literário, que é da ordem do estético, é buscado, que o poeta acaba por confessar: “Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor” (p. 92).

Em carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de poucos meses antes de sua morte, ocorrida em 20 de janeiro de 1935, o autor de “Passagem das horas” enfatiza mais de uma vez em si mesmo a predominância do temperamento dramático que o teria levado a escrever os seus “dramas em almas”:

O que sou essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do mais que haja – é dramaturgo (...). Sendo assim, não evoluo, VIAJO. (...). Vou mudando de personalidade, vou (aquí é que pode haver evolução) enriquecendo-me na capacidade de criar personalidades novas, novos tipos de fingir que compreendo o mundo. (p. 101)

Fernando Pessoa parece ser assim um poeta sem nome próprio, uma vez que criou outros poetas em nome da única ficção que pôde torná-los possíveis: a do eu como ficção. Deste eu tomado como instância fictícia, Fernando Pessoa compôs uma ópera que é representada entre seu eu-fictício e as ficções de sua realidade.

Para o poeta, a vida constitui-se como pura ausência. Daí seu incommum esforço para tornar perceptível a ausência ontológica, o vazio e a inutilidade inexaurível de nossa existência. Fernando Pessoa ele-mesmo chamou essa manifestação de si, marcada pela sensação da pura ausência de tudo, de heteronímia, ou seja, invenção de eus-outros tão fictícios ou reais quanto o eu Fernando Pessoa. Revela-se, portanto, como a criação/invenção de uma numerosa família (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, para citar apenas os mais conhecidos), composta de filhos de ninguém.

Antes de Fernando Pessoa, apenas Kierkegaard se aventurara por esse caminho da heteronímia. E, depois dele, o escritor argentino Jor-

ge Luís Borges fez da arte do artifício e do fingimento o traço mais marcante de sua literatura. Esses três grandes mestres das poéticas do artifício e do fingimento mudaram os rumos da arte literária no Ocidente, pois acabaram por estabelecer, mediante seus novos cânones estéticos, novos paradigmas para a construção do texto literário.

Pode-se dizer também que a nova visão de mundo, inaugurada por Pessoa e Borges, na literatura do século XX, abalou até alguns paradigmas filosóficos, já consolidados, e levou filósofos, como Foucault, Derrida, Deleuze e Barthes, dentre outros, a produzir reflexões interessantes acerca da sedução, da loucura, da autoria, do paradoxo, do simulacro, da diferença, da desrazão, da máscara e da “morte” do eu como entidade monolítica.

As reflexões teóricas desses filósofos têm a ver com a estética do fingimento, do paradoxo e do descentramento de Borges e de Fernando Pessoa. Esse multiplicar-se em outros, característica deste último, põe em xeque a concepção unitária de Eu, inaugurada pela Filosofia Cristã na Idade Média e reforçada, na Idade Moderna, pela concepção cartesiana de mundo, que norteou, a partir de então, a visão do homem ocidental.

A poética de Fernando Pessoa desbanca esse eu poderoso, unitário e monolítico, fragmentando-o em mil pedaços: “A MINHA ALMA partiu-se como um vaso vazio./ Caiu pela escada excessivamente abaixo. (...)./ Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso./ Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir” (...)” (p. 312). Na concepção do poeta português, já não há mais o eu, o Cogito, mas outros eus, máscaras, desdobramentos e fragmentação do eu. Assim, o eu (ou eus) de Fernando Pessoa aponta(m) para todos e para ninguém e reflete(m) a profunda crise do homem moderno e o vazio de sentido de nossa época.

Fernando Pessoa é, assim, ele mesmo e o cortejo dos Pessoa-outros a quem, depois dele, chamamos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares, dentre outros. Em suma, todo mundo e ninguém. E por que se pode dizer isso? Porque esse desdobrar-se

em muitos não é nada mais nada menos do que as encarnações do anonimato essencial do eu enquanto eu moderno.

Com isso, essas máscaras acabam por confirmar a ausência de um rosto que julgávamos ter, pois podemos usar muitas máscaras, o que não permite que tenhamos um rosto definido. Assim, o autor de *Mensagem* não esconde nem reduz o Nada que habita o nosso rosto e o nosso ser, pois, em conformidade com o poeta, somos um grande vazio que podemos tamponar mediante o uso de máscaras. Aliás, o próprio poeta confunde-se com a máscara ao dizer: “Tirei a máscara e tornei a pô-la./ Assim é melhor./ Assim sou a máscara” (p. 326-327).

A propósito, alguns estudiosos, surpresos com o fingimento poético e a teatralidade de *Ficções do interlúdio*, viam na extraordinária aventura do poeta a festa da linguagem textual e o jogo de espelhamentos infinitos. Houve até aqueles que diziam que essa festa do texto e dos espelhamentos infinitos não era somente pura ficção textual, pois Fernando Pessoa viveu seu jogo como um jogo de vida e mesmo como o jogo de sua vida. Talvez ele tenha levado a ficção tão a sério (em função da ficção, da representação, da arte de fingir) que se tornou sua vítima.

Os seus procedimentos de criação parecem expor os traços de uma crise que atinge, a fundo, os fundamentos de nosso espírito e o sentido de nossa cultura, uma vez que Pessoa criou seus inumeráveis outros como um “drama em gente” e não como o simples gozo de jogador de xadrez que se satisfaz com a façanha de suas grandes jogadas. Para nós, que, ao ler Alberto Caeiro, Ricardo Reis ou Álvaro de Campos, admiramos esses mundos múltiplos ou ficamos perplexos diante deles, o percurso do poeta parece justificar a idéia de um jogo de embusteiro, sem outra finalidade que não seja o prazer de se explodir em máscaras para enganar o leitor.

Na verdade, porém, o que esses jogos de engano dos criadores/criaturas de Fernando Pessoa ocultam é a constatação da falta. A máscara não se sobrepõe a nada, já que sem ela o que há é o vazio. Por exemplo, o heterônimo Alberto Caeiro nasceu do vazio para ser um poeta,

cujo eu se sente como conciliação da consciência e do mundo. Trata-se de um pagão sem necessidade de deuses, de um primitivo em perfeito acordo com um mundo reduzido à sensação do mundo. No entanto, como todos os outros heterônimos, o que Caeiro escreve, ou melhor, o que ele revela é a falha, a marca da ausência que constitui o eu. Esta falha é a própria consciência:

Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.
(p. 148)

Ninguém, antes de Fernando Pessoa, havia conferido à idéia do eu como ficção um estatuto tão paradigmático e espetacular como o fez o autor de *o Livro do desassossego*. Inclusive, não é preciso sequer confundir a aventura criativa de Fernando Pessoa com a de um Borges. Vez por outra, escreve-se que Pessoa e seus heterônimos são uma invenção de Borges. Se quisermos encarar a questão por outro ângulo, podemos dizer que Borges é tão-somente uma das aventuras de Pessoa, já que o poeta português não é um burlador impessoal como Borges, ou seja, uma ficção feliz de si mesma. Não, não é isso! Ao que parece, Pessoa se desdobrou em muitas máscaras para se proteger. Para se esconder. Para fugir do sofrimento e da solidão. Para fugir de si mesmo. E do Outro. O poeta anulou-se para ser ele mesmo a própria ficção.

O eu como ficção não é para Pessoa apenas um achado literário melhor do que outras estratégias para embaralhar os fios com os quais representa no espaço e no tempo, ou o inverso. O eu como ficção parece ser, para Pessoa, a realidade e o lugar de uma busca. Aliás, podemos dizer que o caminho trilhado pelo poeta português é um dos mais radicais do século XX. A não ser Borges, não conhecemos outros escritores que tenham levado tão longe essa poética das máscaras, do artifício e do fingimento.

Por isso mesmo, Pessoa viveu sua ficção, ainda que ela fosse a manifestação dissimulada de seu sofrimento e solidão. Fez dela sua salvação, apesar de não ter sido um escritor que vivesse de sua literatura. Daí o fato de ele lançar mão, num mundo vazio de sentido, dos mais estranhos artifícios para se convencer de que ele tinha todas as vidas que seus sonhos pudessem inventar, já que o sentimento de sua própria inexistência dominava-lhe a inteligência e a alma.

Foi sua criatividade genial e seus sonhos loucos que o transformaram num homem de letras bem sucedido, pois o que conhecemos de Pessoa são seus seres de papel: Fernando Pessoa ele-mesmo, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos... No entanto, o “sucesso literário” de Fernando Pessoa não apaga a história do fracasso voluntário que foi sua vida “real”. Se o poeta pudesse contemplar hoje sua “vida gloriosa”, seu êxito indiscutível no mundo das letras e das artes e, além do mais, a existência mítica de seus filhos e sócias, provavelmente, ele iria confirmar definitivamente aquilo que pensara, quando produziu sua obra genial: o eu é uma realidade imaginária.

Nos momentos mais sombrios de sua existência obscura, Pessoa nunca duvidou da glória e da grandeza de sua vida imaginária. Aliás, esta era a única que o fazia viver, criar e ser, porque sua existência “real” parecia ser um desastre. A escolha da via fictícia, do sonho, da criação, era sua “verdadeira vida”. Ou seja, a única vida que o poeta tomava como real era a da pura irrealidade, a do puro sonho e da pura ausência:

Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma idéia,
Alguma coisa que nada tornasse útil ou feia
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.
(p. 290)

O sentimento do eu como ficção não é para Fernando Pessoa da ordem da ficção ou da abstração, mas do vivido. Desde criança, tal sentimento fez parte de suas elucubrações, pois o poeta já inventava suas

personagens fictícias e já se sentia outro. Esse sentimento, então, já existia como forma objetiva, como leitura de mundo e, sobretudo, confirmava que, desde a mais tenra idade, o poeta sentia-se existindo como ficção, sentia-se existindo como outro. Assim, compreendemos o seu gosto pela criação de outros eus, marcados, como o seu próprio eu, pela mesma vacuidade.

Ao que parece, Pessoa não toma a realidade do Mundo que nos foi dada como o único modelo de toda a realidade. Daí o fato de o poeta criar eus fictícios para preencher, por meio dessas máscaras, o espaço sempre aberto que o separa de si mesmo, porque a consciência o separa imediatamente do mundo. Como ficção, cada um de seus eus pode fingir ou se dar uma consistência ontológica, uma coerência, um sentido, coisas que o sujeito poético correspondente ao eu “real” não pode experimentar pelo fato de ser tão-somente não-mundo, ausência do mundo, vazio, estranhamento, máscara. Para os eus fictícios há um mundo e este mundo, mundo imaginário, os torna reais.

Assim, Alberto Caeiro é real enquanto poeta do presente eterno das sensações, pois, para ele, uma flor é uma flor, e a realidade, a sua aparência. Ricardo Reis é real enquanto poeta do presente efêmero, vivido como eternidade, isto é, a realidade da própria realidade. É claro que é nessa relação que eles formam um mundo. Mas essa aparência autônoma só é, por sua vez, imagem de um único sujeito: o do eu ficção que procura sua morte (sua vida) nesse baile (mal) mascarado da heteronímia.

Há muito sabemos que a criação dos heterônimos não foi a solução de Pessoa para seu sofrimento de eu-fictício, mas a prova tangível e um tanto teatral da explosão do eu e/ou dos eus. Em nenhuma parte da obra de Fernando Pessoa, o eu se apresenta como eu único. Voltamos a reiterar: o poeta, aos seis anos, já se inventava como outro no ato da escrita. Como se pode ver, é já como escrita, como linguagem que a heteronímia se manifesta: “Se a minha infância agora evoco, vejo/– Estranho! – como uma outra criatura/ Que me era amiga, numa vaga/ Objetivada subjetividade” (p. 450). Assim, é pelo viés da hetero-

nímia que o poeta, desde muito cedo, conheceu, melhor do que ninguém, a ficção de sua própria ficção.

Em *Ficções do Interlúdio*, encontramos a voz dos heterônimos de Pessoa e não podemos fingir que não os conhecemos. Eles têm voz própria e vida própria. E, além do mais, eles ignoram o pai, ou melhor, não sabem que têm um pai. São filhos de ninguém. Abandonado por suas próprias criaturas, não acreditando mais no papel que elas lhe haviam destinado, Fernando Pessoa revela em seus heterônimos aquelas máscaras que se sabiam máscaras.

Por isso mesmo, valorizamos o próprio Fernando Pessoa como sua própria ficção, já que Pessoa, Caeiro, Campos, Reis, enquanto tais, são também figuras fictícias. Mediante tais seres de papel, nós recriamos esse eu (sem ficção), por meio do qual cada uma dessas ficções ilustra a mais profunda e essencial irrealidade.

Ao modo do criador dessas *personas*, nós podemos atribuir-lhes uma vida, um destino, uma visão de mundo, uma filosofia. Nós podemos, sobretudo, mantê-las como seres reais, sócias ou encarnações múltiplas de Fernando Pessoa ele-mesmo, pai inconsistente e, por assim dizer, inexistente de todas essas criaturas/criadores, todas máscara/disfarce do poeta.

Lida literalmente, a ficção poética de Fernando Pessoa nos dá a possibilidade de imaginar sob os traços de Alberto Caeiro, o poeta da realidade; sob os de Reis, o poeta da irrealidade; sob os de Campos, o poeta da diferença e da diversidade; sob os do autor de *Mensagem*, o cantor da vontade e do heroísmo ou sob os dos poemas ocultistas, o poeta da iniciação e do mistério. Ainda hoje, mesmo considerando suas múltiplas faces, a exegese de Pessoa, ainda assim, corre o risco do contra-senso irremediável. E por quê? Porque esse Fernando permanece em aberto, instigando outras leituras, desafiando os estudiosos da literatura. Ao que parece, a ficção pessoana, sitiada pelo real, acabou engendrando um labirinto, onde tudo é pura vertigem e estranhamento.

Algum dia, teremos de retornar ao ponto de partida e ler literalmente o texto de Fernando Pessoa, tentando nos desvencilhar de sua

faceta enigmática para entendê-lo melhor. Aliás, ninguém melhor do que Pessoa soube que suas múltiplas máscaras, seus eus diversos e literariamente autônomos não eram somente sócias, ou duplos, ou puras invenções, mas o próprio jogo do desdobramento permanente de um único eu. Forjados do desdobramento de um único eu, os heterônimos se descobrem como duplos. Há o poeta da realidade e o da irrealidade, há o poeta da diferença e o poeta da unidade, há o poeta do efêmero e o poeta da eternidade.

Entre todos esses heterônimos de Pessoa, há um jogo de espelhamentos infinitos e contínuos, mediante os quais essas criaturas/criadores vão se manifestando indefinidamente. Por isso, não há e não pode haver leitura separada de cada um dos heterônimos, já que Fernando Pessoa nos exige e nos impõe uma leitura profunda de cada momento de seu percurso que, por sua vez, não é um percurso, mas justamente a reiteração indefinida da inexistência de percurso.

Daí podemos dizer que Fernando Pessoa nunca está onde ele deseja estar, porque ele não está em lugar algum. Ele é um poeta sem lugar, cujo eu não está em parte nenhuma, e quando perdemos de vista esse dado simples falamos talvez sabiamente de alguém a quem nomeamos Pessoa, mas que não tem mais relação consigo mesmo. Ao que parece, toda a obra de Fernando Pessoa é uma grande armadilha. Porém, para o poeta, a grande armadilha é a linguagem. Ou melhor, a armadilha é resultante de nossa relação com a linguagem.

Como Wittgenstein, Fernando Pessoa compreendeu que não existe um pai da linguagem (por exemplo, os heterônimos pessoanos são jogos de linguagem que apontam para o anonimato; são, pois, textos; são escritos que não têm pai). Logo, não há um pai do todo. Do Universo. Logo, não há lugar nenhum. Não há Deus. Não há verdade. Por isso mesmo, esse órfão de gênio não pôde nem quis povoar seu deserto de pais consoladores. Num mundo sem traço inequívoco da presença transcendente, Fernando Pessoa tirou, a seu modo, suas conclusões, a partir de sua mais profunda solidão e de seu mais radical isolamento social:

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.

.....
 Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes –
 Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
 Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.

Grandes são os desertos, minha alma!
 Grandes são os desertos.

.....
 Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
 (p. 316)

Ao que parece, o eu de Fernando Pessoa era como o tonel das Danaides, isto é, era um saco sem fundo. Nesse abismo entrevisto, o poeta verteu seu coração, seu sangue e seu espírito. Porém o nível de sua realidade e da Realidade não subiu um degrau. Hoje, o poeta português é comentado, estudado, dissecado, estatuificado, como Dionísio, do qual ele é uma das raras encarnações. Infelizmente, tentam transformá-lo em símbolo de poesia, de língua, de pátria, de realidades substantivas, positivas, dentre outras coisas. Mas seus textos recusam esse tipo de envolvimento. Tais como são, ficção e realidade, inextricavelmente confundidas, Pessoa não pertence à ordem do mundo. Para poder sobreviver, ele voltou-se para si mesmo, recriando, no século XX, o mais antigo pensamento da irrealidade do mundo, notadamente marcado pela pluralidade de ordens incompatíveis.

Assim, Fernando Pessoa representa, à sua maneira, Deus, que, desde muito cedo, se lhe manifestou como Deus de um mundo eternamente fragmentado. Se o poeta concebia Deus sem unidade, como poderia tê-la? É por isso mesmo que cada um de seus poemas, cada uma de suas criaturas/criadores apontam, incessantemente, para essa fragmentação original do ser, que revela a morte de Deus, do qual o nosso eu é, ao mesmo tempo, reflexo e nostalgia. Logo, podemos dizer que a verdadeira família de Fernando Pessoa é a que, de Kafka a Samuel Beckett, soube dar à nossa falta de relação humana com o ser os rostos mais tangíveis e mais insustentáveis.

Do ponto de vista simplesmente humano, a vida e a obra de Pessoa configuram um desastre completo. Somente o milagre póstumo de sua fama empana seu destino de fracassado absoluto. Outros poetas viveram sua vida como um sonho a meio caminho entre a existência e a pura irrealdade. Mas poucos a viveram como absoluta e pura ficção. Fernando Pessoa foi uma destas raras exceções. Ele viveu sua vida como absoluta ficção, pura irrealdade, pura ausência do mundo. Ou seja, Pessoa não foi somente um sonhador, mas exclusivamente um sonhador.

Certamente, podemos inscrever o caso Pessoa na epopéia do eu dividido e perceber nisso a ligação genealógica que religa essa particular divisão do eu (ausência do pai, distanciamento afetivo da mãe) à sua aventura heteronímica. No entanto, nos equivocariamos se pensássemos ter descoberto com isso o mistério Pessoa. Muitos indivíduos vivem seu eu como eu dividido, sem vivê-lo no grau em que viveu Fernando Pessoa, ou seja, vivem-no “concretamente” como eu fictício. Ou seja, não levam sua experiência ao grau a que a levou o poeta português. A ficção do eu não foi para Pessoa a simples experiência da repetição da identidade vazia. Ela foi também a imagem do desejo infinito de realidade que impediu o eu de se fechar inteiramente sobre si mesmo sob pena de fechar com ele o Mundo. Por isso mesmo, para esse sonhador supremo, o mundo real era, indiscutivelmente, o lugar do puro enigma.

Para poder “ser inteiro” ele viveu, como ninguém, até o limite da desintegração de si mesmo. Tal foi o conteúdo real de sua ficção. No sentido mais banal do termo, Fernando Pessoa apenas existiu, ou seja, a sua presença no mundo foi uma grande ausência. O que o salvou foi a arte, porque a única coisa que ele levou realmente a sério foi a realidade de seu eu como ficção. Logo, seria inútil procurar um homem atrás da multiplicidade de suas máscaras, ou um texto atrás de seus textos dispersos e completamente fragmentados. Ao procurarmos o homem Fernando Pessoa, encontramos somente textos; procurando o texto, encontramos somente não-textos do mundo moderno (LOURENÇO, 1986). Essa ausência do homem, duplo da ausência do tex-

to, assinala com extrema violência o lugar vazio de uma agonia humana (a do poeta Fernando Pessoa), marcada por um combate cultural sem precedentes no contexto da história da literatura moderna europeia.

ABSTRACT

This paper intends to discuss the fictionalization process of the "I" in some of Fernando Pessoa's poems taken from his book *Ficções do interlúdio*, which enables us to grasp the author's multiple masks.

Key words: Heteronyms; Masks; Fictional-I; I-others; *Ficções do interlúdio*; Fernando Pessoa.

Referências

- BORNHEIM, Gerd A. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução Carlos Nejar. 7. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GUSMÃO, Manuel. Anonimato ou alterização? In: *Revista Semear* 4. www.Letras.puc-rio.br/Catedra/revista/4Sem_18.html
- KIERKEGAARD, Sören. *O banquete*. Lisboa: Guimarães, 1985.
- KIERKEGAARD, Sören. *O diário de um sedutor*. Tradução Carlos Grifo. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)
- KIERKEGAARD, Sören. *Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. Kierkegaard e Pessoa ou As máscaras do absoluto. In: *Fernando Pessoa, rei de nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. p. 2-8.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1987.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. São Paulo: LPM, 1988.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva: 1973.

SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1982.